

Nome da publicação: Revista Jardim S.A.  
Tipo: Periódico mensal  
Título da coluna: Desenvolvimento  
Data: Abril de 2009

## Memórias de um gigantesco viveiro industrial A Santo André de ontem, hoje e amanhã.

A política sempre fez e fará parte de nossa vida. E isso não é apenas uma frase solta. Qualquer decisão tomada por nossos representantes interfere diretamente no que somos hoje, ou pretendemos ser amanhã. Talvez, você só esteja lendo este artigo hoje porque algum dia, alguém de sua família escolheu esta região para viver ou trabalhar, muito provavelmente pelo grau de desenvolvimento que se difundiu nestas terras, fato este, originário de decisões políticas do passado. Não se pode, portanto, dizer que a política é um mal em que você quer manter-se longe. A história econômica de Santo André é um exemplo de que a política é algo em que não podemos nos afastar.

Para não deixar a infinita riqueza mineral brasileira à mercê de ataques de outros países, a partir de 1530 o governo português decide intensificar a colonização da costa litorânea. Nesse contexto, é enviado para o Brasil por ordem do Rei D. João III, Martim Afonso de Souza, com a incumbência de iniciar a fundação de vilas, visando fortificar o litoral. Aliada a essa história está a figura de João Ramalho, comerciante português que representava, nesse momento, uma porta de entrada de colonizadores, já que tinha facilidade na comunicação com algumas tribos indígenas. Em contrapartida a sua ajuda, João Ramalho solicitava, desde o início, que o local em que vivia, situado acima da Serra do Mar, fosse transformado em vila. Sua petição foi negada durante vários anos pela coroa portuguesa, pois se pretendia povoar apenas o litoral e não o interior. Seu pedido foi atendido apenas em 8 de abril de 1553, quando foi criada a vila pelo Governador Geral Tomé de Souza. Nascia, então, a vila de Santo André da Borda do Campo.

Nesse período, a busca de metais impulsionou caminhos para o interior e a vila de João Ramalho foi se desenvolvendo. Os jesuítas, até então instalados em São Vicente, tinham interesse em transferir seu colégio para próximo dessa região, nos

campos de Piratininga, já que por conta da exploração de metais começava uma grande evasão de pessoas do litoral para o interior. Tal fato ocorreu a 25 de janeiro de 1554, com a criação da Aldeia de São Paulo de Piratininga.

Dois histórias lendárias remetem a estagnação da vila de Santo André da Borda do Campo nesta época. Esta região ficaria por quase 200 anos sendo apenas local de passagem entre o porto de Santos e a São Paulo de Piratininga. A primeira, diz respeito à economia local: em decorrência de dificuldades de subsistência e de proteção aos moradores da vila, o Padre Manoel da Nóbrega encaminhou proposta ao Governador Geral Mem de Sá para que a vila perdesse sua autonomia política, passando a configurar apenas como um bairro de São Paulo. A segunda história, de caráter mais folclórico, coloca o Cacique Tibiriçá como autor de um incêndio que teria devastado totalmente a vila de João Ramalho, simplesmente por ter descoberto um romance entre o comerciante português e uma de suas filhas.

Já em 1561, grande parte das terras foi concedida a Amador de Medeiros, ouvidor da Capitania de São Vicente. Em 1637, Medeiros a repassaria à Ordem de São Bento, formando-se ali a Fazenda São Bernardo, área atualmente ocupada em grande parte pelo município de São Bernardo do Campo. Em 1631, a chamada Fazenda São Caetano, também foi doada à ordem dos beneditinos pelo capitão Duarte Machado e sua esposa Joana Sobrinha. As outras terras, de proporções menores, foram passando por vários donos até o início do século 20, quando finalmente foram loteadas.

Em 1889, tem-se a criação do município de São Bernardo, já nascendo sob a marca da industrialização, utilizando, predominantemente, a mão de obra de imigrantes europeus. Este município abrangia toda a região do Grande ABC. As indústrias que se instalavam na nova cidade eram em geral ligadas à produção química, têxtil e de móveis. Além disso, foram surgindo pequenos negócios como carpintarias, funilarias, sapatarias, barbearias, pequenas pensões e restaurantes, que foram dando uma feição mais urbana à região. Nesse contexto ressurgiu o termo Santo André, nomeando o distrito criado em 1910 e que compreendia áreas próximas à atual estação ferroviária.

O distrito de Santo André abrigava na década de 1930 várias indústrias importantes. Possuía a estação de São Bernardo por onde era transportada grande parte dos produtos produzidos na cidade e detinha entre seus moradores, vários

políticos locais influentes. Tal influência levou à transferência da sede do município de São Bernardo para Santo André, em 1939. Toda a região do Grande ABC, composta por vários distritos, passou, então, a ser denominada pelo nome de Santo André.

Na década de 40, sobretudo no Governo Getúlio Vargas, iniciaram-se vários movimentos emancipacionistas que acabaram por oficializar vários distritos, tornando-os municípios. Em 1945 foi a vez de São Bernardo do Campo, em 1949 São Caetano do Sul e em 1953 Mauá e Ribeirão Pires. A partir de então Santo André passou a ter uma área de 174,38 quilômetros quadrados, contando com os seguintes distritos: Sede, Capuava e Parapiacaba. Em 1950, além dessas mudanças, outras puderam ser sentidas no que se refere à tipologia das indústrias da região. Com investimentos estatais e entrada de capital estrangeiro, ocorreria um enorme crescimento no setor automobilístico, mecânico, metalúrgico e de material elétrico. Neste contexto, Santo André passou a abrigar várias indústrias de auto-peças. A indústria foi, então, delineando um outro perfil. A mão de obra tornou-se mais especializada e as máquinas mais produtivas.

Após o grande crescimento ancorado no gasto público da década de 70 denominado "milagre econômico, o qual fez surgir o Pólo petroquímico de Capuava, o ritmo de crescimento sofreu um forte decréscimo, culminando com a recessão dos anos 80. Nos anos 90, a produção industrial continuou desacelerada em face da abertura econômica desenfreada de Collor e FHC, além dos incentivos fiscais voltados para outras áreas do estado de São Paulo, das dificuldades de transporte e do custo sindical da mão-de-obra. O ABC e, em especial Santo André, acabou por perder muitas indústrias importantes. A região praticamente viu 40% de sua economia industrial evadir-se para outros centros produtivos. Apenas para citar alguns exemplos concretos, podemos lembrar que, onde tínhamos a fábrica da Brastemp, em São Bernardo do Campo, hoje vemos o Wall-Mart. A tradicional Tecelagem Kovarick deu lugar ao antigo Jumbo, hoje denominado Supermercados ASSAI. A Elevadores Otis tornou-se o SAM'S Club. No terreno da Black-&-Decker, que também já foi fábrica da GE, hoje está o Shopping ABC Plaza. Há também inúmeros outros casos em que a antiga indústria tornou-se basicamente um condomínio residencial. Em pior situação estão aqueles ex-terrenos industriais que ainda continuam abandonados.

Hoje em dia, porém, podemos observar um grande esforço do setor público local e da sociedade para a manutenção das indústrias existentes. Nosso desafio atual

e nossa contribuição enquanto andreenses, é apenas o de viver a política de nossa cidade, intensamente. Desta forma, assim como no passado alguém tomou uma decisão que influenciou nossa vida hoje, não podemos simplesmente virar as costas e nos afastar das decisões atuais, sob o risco de comprometer a cidade para gerações futuras. Afinal, nós somos a cidade. Parabéns Santo André!!!!